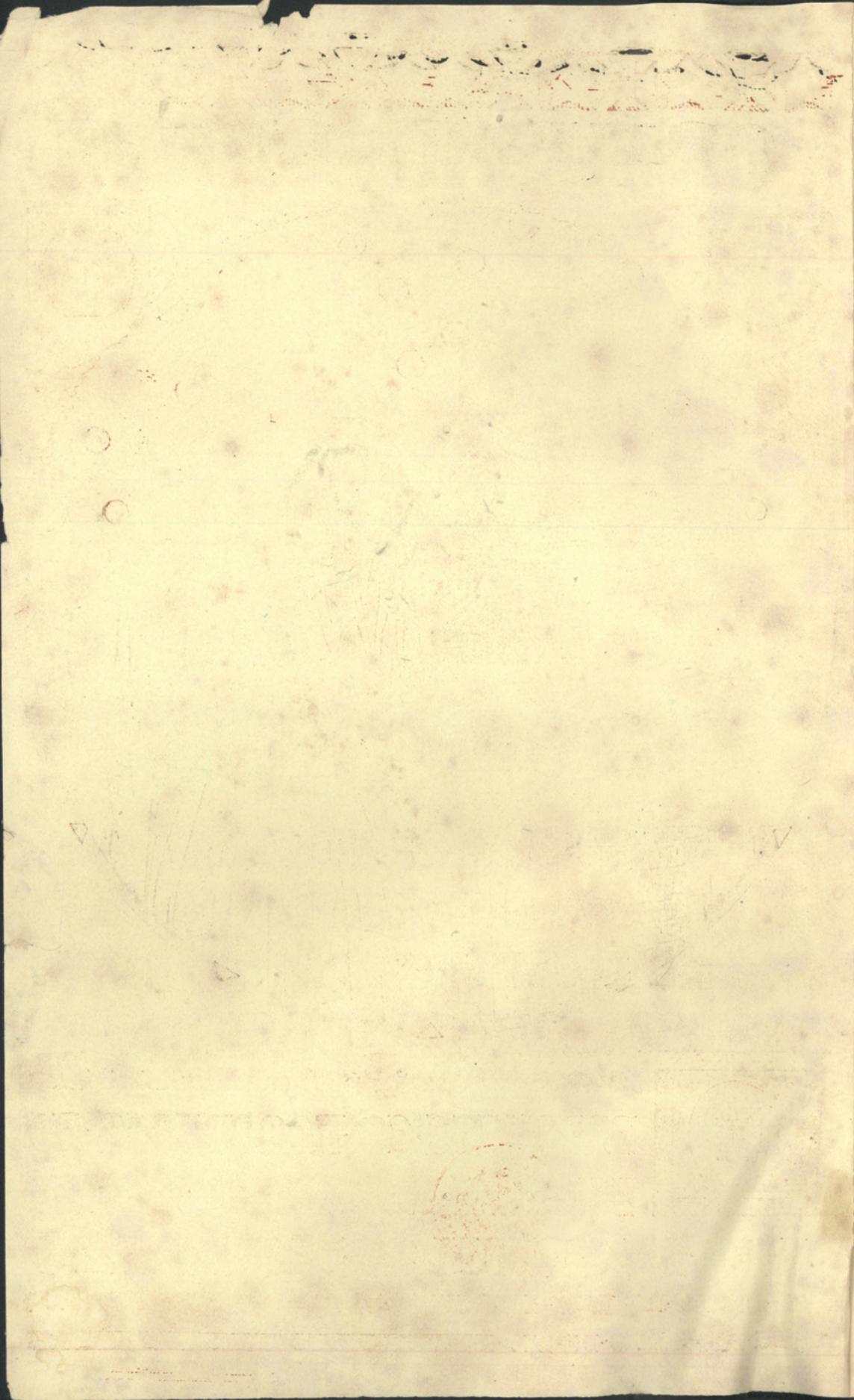


★✠★✠★✠★✠★✠★✠★✠★  
**PORTUGAL - BRASIL**



**D**ISCURSOS • PRONUNCIADOS • NO  
BANQUETE • EM • HOMENAGEM • AO  
ILLUSTRE • ESCRITOR • BRASI  
LEIRO • SR. PAULO • BARRETO  
REALIZADO • NO • CLUB • GYMNASICO • PORTUGUEZ • NA • NOITE • DE  
DE SETEMBRO DE 1919

51



# PORTUGAL - BRASIL



BIBLIOTECA  
de  
*Carlos Malheiro Dias*  
Livro N.º 19-A

**D**ISCURSOS · PRONUNCIADOS · NO  
BANQUETE · EM · Homenagem · AO  
ILLUSTRE · ESCRITOR · BRASI  
LEIRO · SR. · PAULO · BARRETO  
REALIZADO · NO · CLUB · GYMNASICO · PORTUGUEZ ; NA · NOITE · DE  
6 · DE · SETEMBRO · DE · 1919



~~2~~  
60651

OFERTA  
317903

8

410048 19<sup>T</sup>

COMISSÃO PROMOTORA  
DO  
BANQUETE

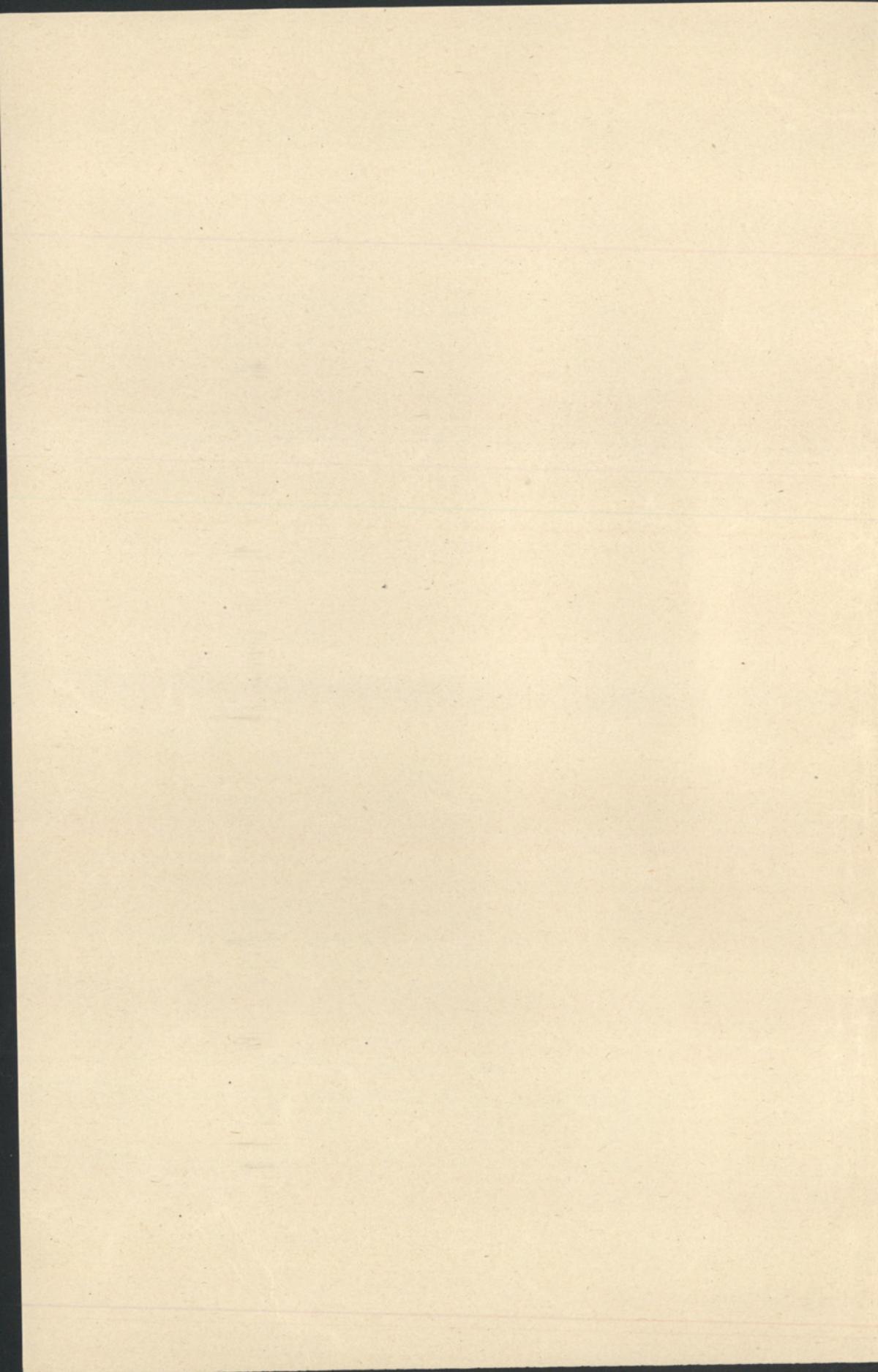
VISCONDE DE MORAES

Comor. JOSÉ ANTONIO DA SILVA

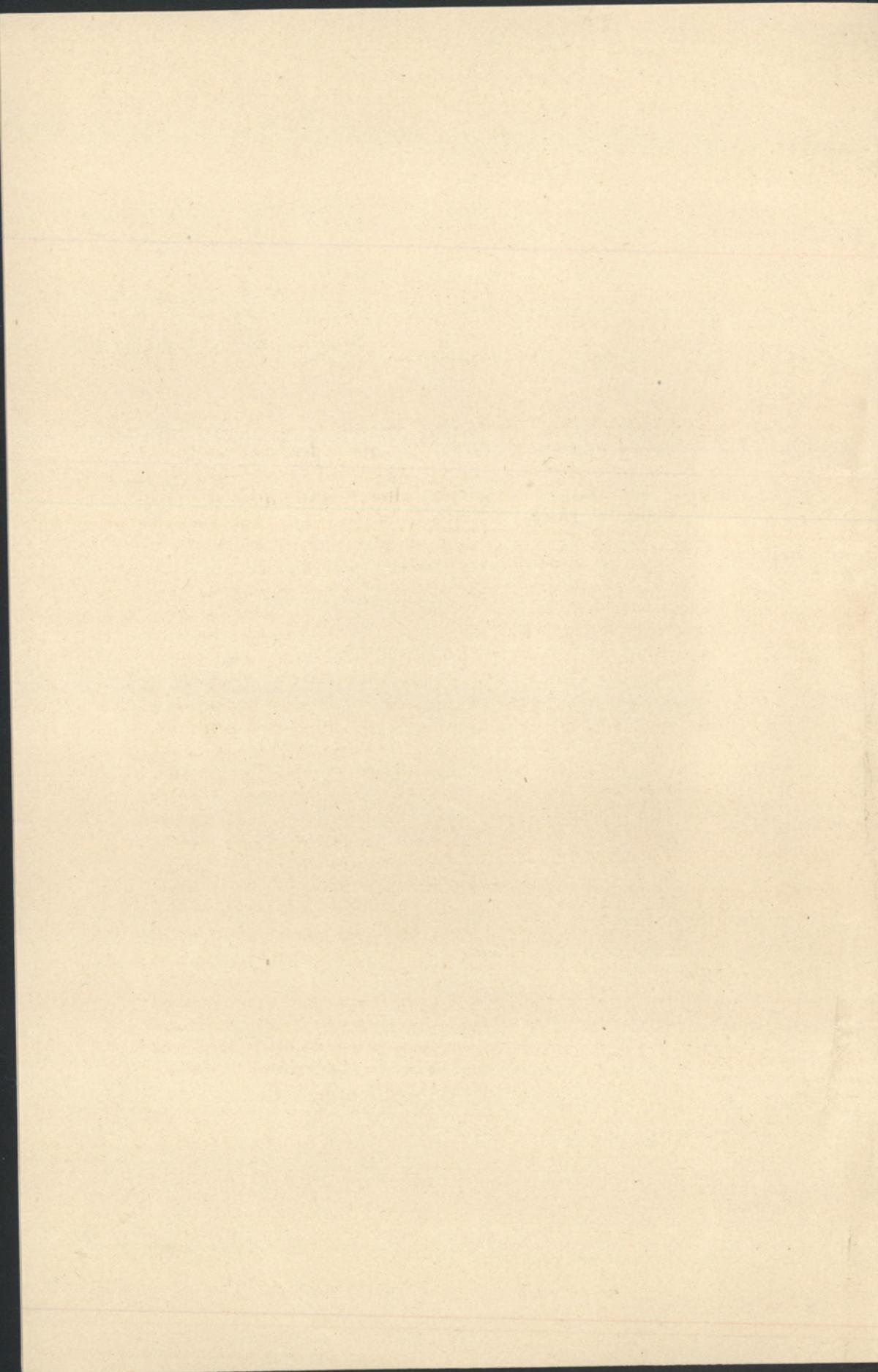
Comor. A. GERMANO DA SILVA

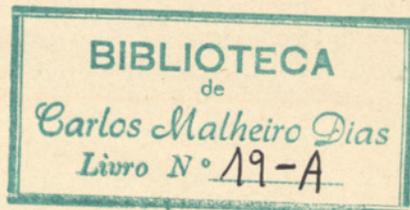
JOSÉ AUGUSTO PRESTES

Comor. JOAQUIM CARVALHEIRO DA COSTA.



DISCURSO DO  
**Sr. CARLOS MALHEIRO DIAS**  
(DA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE  
LISBOA E DA ACADEMIA BRASILEIRA  
DE LETRAS)





SR. PAULO BARRETO!

A HONRA tão seductora de haver sido escolhido para vos saudar, não cuideis que a devo ao prestigio do meu pallido nome, nem sequer á feliz circumstancia de ser vosso collega nas duas Academias que representam a gloria das letras cultivadas na mesma lingua sumptuosa pelo talento de duas dynastias parallelas de escriptores : distincção immerecida que tanto faz sobresahir a pequenez dos meus meritos. Essa honra, tão duplamente grata para mim, que me proporciona o ensejo felicissimo de saudar um dos escriptores mais notaveis da gloriosa literatura brasileira, eu a atribuo á circumstancia de ser, entre os presentes, aquelle que ha mais tempo vos é affeioado, aquelle que mais dividas de gratidão contrahiui para convosco, e assim um dos mais qualificados no affecto para exprimir-vos o bem que vos querem todos os presentes — e não só elles, mas tambem aquelles outros meus compatriotas que aqui não puderam reunir-se, mas que commungam, embora ausentes, neste preito de emocionada gratidão. Represento aqui a Amizade.

Foi esta circumstancia imperiosa — só esta — que me impediu de declinar o honroso convite em outro portuguez mais capaz pelo seu prestigio e pela sua influencia de interpretar os sentimentos da Colonia.

E' á Amizade — que entrelaça ha tanto tempo as nossas vidas laboriosas, tão semelhantes em ideaes e sentimentos, tão diversas no confronto entre a vossa gloria e a minha obscuridade — que devo o jubilo de saudar-vos. Permitti, pois, que eu antecipe ao vosso

elogio o da Amizade : mestra da lealdade e da dedicação, que Cicero definia no seu dialogo philosophico, pela bocca de Lœlius, o amigo do segundo Scipião, como o consenso entre as cousas divinas e humanas, essa Amizade a que os hellenos e os romanos ergueram altares e que o genio da Grecia, tão inacessivelmente perfeito na expressão plastica dos sentimentos, representou na figura juvenil de uma adolescente, castamente vestida, com a mão direita sobre o coração e a sinistra apoiada a um olmo ferido pelo raio, em torno do qual se abraça uma vinha carregada de fructos. No symbolo esculptural, o olmo é o infortunio, de que não tem medo a Amizade ; a vinha representa as doces consolações da affeição. Hoje ainda, nesta vida que vivem os humanos, despida da belleza esthetica de que a revestiu o genio harmonioso da Grecia, a Amizade é sempre a mesma deusa tutellar, a inspiradora das maiores virtudes do homem, aquella que sempre e com segurança o guiou para as nobres e generosas acções. Tanto o transvia o odio, protrahindo-o á vassalagem dos instinctos, tanto ella o eleva e purifica, conduzindo-o ás regiões moraes onde imperam a lealdade e a fraternidade. O homem só é moralmente bello quando é bom, e a Amizade sempre foi o melhor tirocinio da bondade e a mais superior escola do character. Os máos — já o disse o philosopho — não são amigos : são cúmplices !

A par dos vossos eminentes talentos intellectuaes, sr. Paulo Barreto, possuis tambem, no mesmo gráo privilegiado, o talento da Amizade. Sabeis cultivá-la e render-lhe culto. E tão superiormente dotada para a affeição é a vossa personalidade que vossas estimas não se applicam, apenas, aos individuos, mas abrangem, na esphera irradiante da sympathia, as collectividades e os povos.

Todos os que aqui nos reunimos para significar-vos gratidão e estima, nos confessamos vossos devedores, por isso que a affeição tão constante que dedicaes a Portugal em cada um de nós vos creou um amigo. Sempre o vosso talento soube fazer-nos jus-

tiça. Mesmo na hora adversa, como a imagem grega da Amizade, que pousa a fina mão de mármore na arvore lacerada pelo raio, fielmente nos conservastes a sympathia, nunca pondo em duvida os nossos sentimentos, sempre havendo sabido distinguir, a meio das nossas pungentes discordias domesticas, a sobrevivencia das nobres qualidades portuguezas: do desinteresse cavalheiresco, do espirito de sacrificio, da coragem indomavel, do tradicional idealismo, que atravez dos seculos, na gloria como na desventura, na paz como na guerra, foram os distinctivos da nossa raça irrequieta, vinculados ás paginas mais radiosas da nossa historia, e que todas se revelaram intactas na batalha terrificante de Laventie, onde os soldados portuguezes se deixaram sublimemente immolar pela França, como os seus avós em Wagram.

Sempre nos haveis feito justiça! E porque eu venero a minha Patria acima de todas as cousas, vós, que amaes a vossa Patria acima de tudo, comprehendes porque se anima a minha emoção, ao saudar-vos em nome destes centenaes de corações portuguezes, nesta solemne festa, que é uma cerimonia patriótica.

O merito não está em amar a Patria na hora da sua gloria, mas amal-a com igual ou maior fervor na adversidade. O amor pela Patria tem que ser como o amor das mães, que não succumbe, antes se engrandece com o infortunio, que não distingue na sua idolatria o filho victorioso do filho vencido. As Patrias assim se engrandecem ou declinam conforme os seus filhos as elevam ou as degradam. Não ha Patrias grandes e pequenas Patrias, mas povos com ardente ou tibio patriotismo. Desacreditar a Patria é o mesmo crime abominavel do filho que desacredita e infama a sua progenitora. Todo o homem que não saiba collocar a Patria acima das suas paixões é moralmente um pária. As altercações do patriotismo nunca devem passar o limite domestico da nação. E porque altercarmos? Quanto menor é o lar de um povo, tanto mais se lhe impõe ser uma familia e tanto maior o seu dever de engrandecel-a pelo patriotismo. Foi

a abnegação heroica dos seus filhos, a concentração de todas as energias de um povo numa obra nacional que fizeram outr'ora da pequena nação portuguesa a mais gloriosa nacionalidade do século xv, a projectaram para além do orbe conhecido, levaram a sua bandeira aos extremos da Asia e das Americas austral e septentrional, e a conduziram na ponta dos mastros por todo o periplo sobrehumano da Africa, desde Lisboa a Sofala, ao Malabar, á Terra Nova, ao Brasil, ás Molucas e ao Japão. Foi o patriotismo que fez triumphar dos potentados do Oriente alguns punhados de homens, embarcados em cascas de nozes; foi o patriotismo que, engrandecendo cada portuguez ás proporções de um gigante, afugentou os franceses de Villegaignon, os batavos de Nassau, os britannicos de Buckingham, intrusos no lar immenso que o destino reservara aos brasileiros e de que nos fizera a sentinella vigilante.

E' esse mesmo patriotismo, esse orgulho tão susceptivel e tão legitimo de ser brasileiro, essa fecunda vaidade de possuir uma patria immensa, coroada pelo diadema do equador, abrangendo na sua area extensissima as mais grandiosas florestas do orbe, montanhas inexauriveis de minerio, rios em cujas areias rutila o ouro, a patria encantada das tres joias da natureza—o diamante resplandecendo na alluvião, a orchidea desabrochando no ramo da arvore, o colibri zunindo no ar; — esse nobre e altivo orgulho de uma raça illuminada de intelligencia creadora, que é força activa da civilisação universal, de uma patria que entra no centenário de sua independencia precedida por um cortejo de grandes homens—estadistas, poetas, escriptores, cientistas, jurisconsultos e soldados; é esse mesmo patriotismo vehemente, esse mesmo apaixonado culto pelo Brasil, que impelle a vossa Patria no seu vertiginoso e triumphal progresso!

Nós conhecemos com a experiencia do passado até que altitudes de gloria o patriotismo pode conduzir uma nação. O vosso patriotismo, bem o sabeis, não nos faz sombra. Só conforto, orgulho e jubilo nos

inspira. Sêde intransigentemente patrióticos! Nós o fomos, nós o somos, nós o seremos. A honra tanto cabe nas pequenas como nas grandes nações.

Sei que esta é uma linguagem que vos deleita, senão pela forma pobre que a reveste, pelos sentimentos que a animam — porque vós sois um patriota com a fé convicta nos grandiosos destinos da vossa Patria e com o orgulho vivificante da vossa progenitura. Chegaes de uma longa excursão pelas regiões europeas habitadas pelos povos que acalentaram as civilizações nos berços das grandes raças. Vindes de assistir aos festivos do Triunpho; de contemplar os homens que dirigem e subvertem o mundo, que deslocaram as fronteiras das nações como o jardineiro que reforma os canteiros de um jardim; vindes das electrizantes festas da Victoria, de escutar nas tres Romas da Europa actual as acclamações aos novos Cesares vencedores da Germania bellicosa; vindes de vêr no auge do poderio, manchadas ainda de sangue, mas resplandecentes de gloria, as grandes nações que regem a millenaria civilização occidental. E, não obstante, nem por um momento haveis esquecido a vossa Patria, sobrepondo-a a todas as fascinações, fazendo della o centro planetario de todos os vossos sentimentos. Foi em volta da Patria solar que se accenderam, como aérolitos, as vossas idéas fulgurantes. Levastes no coração, como um talisman, o Brasil, e fostes o sacerdote, ardendo em fé, do patriotismo. Vivestes na Europa os dias inebriantes e inolvidaveis das apothèses, até á grandiosa e tremenda execução, chamada o Tratado de Paz; e todavia mantivestes-vos fiel ás predilecções da vossa sympathia, nunca perdestes o ensejo de nos testemunhar a vossa desinteressada e fraternal estima, sempre escolhestes para Portugal, nós thesouros das vossas imagens, as expressões mais carinhosas; entornastes com mão prodiga, sobre as nossas saudades e as nossas amarguras, a cornucopia dos louvores e das consolações. Nós todos que aqui estamos somos a legião da gratidão. Não foi para fallar-vos a linguagem da lisonja, nem para

endereçar-vos um elogio academico, que vos pedimos para comparecer entre nós; mas para publicamente vos testemunhar a recordação que guardamos das palavras a que o vosso talento deu belleza e a vossa amizade deu ternura; para vos agradecermos a justiça que sempre haveis feito á sinceridade da nossa amizade fraterna pelo Brasil, justiça que nunca esmoreceu, que nunca perdeu a resonancia de uma communicativa convicção. E não só essa justiça, mas tambem aquella outra que sempre, com edificante fidelidade, haveis sabido fazer a Portugal. O amor que tendes á vossa Patria sempre se projectou na provada estima que professaes pela nossa. Sempre confiastes em nós, auscultando-nos fielmente o coração, considerando-nos dignos da esperanza inabalavel que temos no futuro, ainda nas horas de mais terriveis provações. As nações antigas, como a nossa, não se atemorizam facilmente. Teem a experiencia das vicissitudes. Acostumaram-se ao infortunio e á gloria, á luz e á sombra. Ter os Lusíadas compensa de não possuir as minas de ouro do Transwaal. Nunca é modesta a casa onde se pode orar nos sanctuarios dos Jeronymos e da Batalha. Temos, atrás de nós, oito seculos de lucta. Não somos um povo que a adversidade amedronta. Não nos assustou o Atlantico Tenebroso. Sabemos ter esperanza. Longe era a India e lá chegámos. Donos de meio mundo no seculo xvi, ou empobrecidos hoje pela guerra em que combatemos contra a Prussia *pour le roi de Prusse*, ficamos os mesmos. Na opulencia ou na penuria, nunca curvámos a cabeça. Mais vale para os povos ter os defeitos da altivez que os da pusillanimidade. Podemos ser accusados, frequentemente, de não sabermos viver. Mas sempre soubemos impavidamente morrer. E é essa a virtude dos povos que melhor garante a immortalidade das Patrias. Estas honrosas verdades as tendes dito de nós com frequencia e com affeição. Honro-me e rejubilo-me de vos saudar, arauto da amizade luso-brasileira! A vossa imaginação poetica soube lucidamente distinguir a maior das realidades. Vós fazeis mais, com o vosso amor e a vossa

poesia, pela causa das duas Patrias e pelos interesses dos dois povos, que esses outros homens cheios de soberba e de ouro, que imaginam sobrepôr os seus emprehendimentos aos vinculos do sangue!

Alegro-me e dignifico-me de vos sudar, seductor mensageiro da fraternidade e ardente apostolo do patriotismo! A vossa arte admiravel tem como pedestal a realidade. Os vossos sonhos generosos de vidente são desferidos da verdade para o ideal, não da illusão para a chimera. O isolamento é cada vez mais impossivel para os homens como para as nações. Como os homens, os povos tambem teem familia, e nós, portuguezes, reclamamos o direito imprescriptivel — só esse! — de amar o Brasil com um amor que se sobrepõe a todos os interesses, amor que tem a sua origem nos vinculos indissoluveis do parentesco e cuja fidelidade, erguida acima de todas as suspeitas, desafia as proprias ameaças da injustiça. Enorme como é, o Brasil cabe em cada coração português.

Todos nós, aqui reunidos para celebrarmos o culto da gratidão, vos afiançamos que testemunhaes a verdade sempre que invocaes a nossa dedicação.

Se cada vez nos distanciamos mais do tempo em que eramos um só povo, cada vez mais o sangue nos estreita intimamente numa mesma familia. Indagae se não foi com agua brasileira que se baptisaram os filhos dos portuguezes no Brasil. Quantos são aqui, em volta de vós, os portuguezes cujos filhos nasceram brasileiros! Que mais profundas e extensas raizes podem alimentar uma afeição? Na vossa terra derramámos outr'ora ondas de sangue; é o sangue português aqui continua a transfundir-se, pelo milagre do amor, e a concorrer com a sua circulação no systema arterial do vosso trabalho para a systole e a dyastole da vertiginosa civilização brasileira. Não podemos contemplar a vossa bandeira soberana que não pensemos terem sido os nautas portuguezes os primeiros a passar o equador e a contemplar no céu do hemispherio austral as flammis estelares do Cruzeiro. E' na lingua em que nossas mães nos ensinaram as pri-

meiras orações que nessa bandeira veneranda lemos a legenda do vosso progresso. Vós bem o sabeis : seria preciso que deixássemos de ser portugueses para deixarmos de amar o Brasil e de associarmos a nossa alegria ás prosperidades de vossa Patria !

Amigo de Portugal, eu vos saúdo com tanto maior alegria pelo que ha de confortador em assistir a esta homenagem dos homens de trabalho a um intellectual da vossa estatura, presidida por aquelle ancião venerando, espelho da bondade e da honra, filho de Portugal e pae de brasileiros ; pelo que tem de significativo e alentador este reconhecimento solenne do poder invencivel da intelligencia creadora, pela nobreza idealista deste festival em que, ao mesmo tempo, se celebra o talento e o patriotismo ! A vossa riqueza vós a trazeis como um dom da Natureza no vosso cerebro privilegiado e no vosso coração irradiante, nessa capacidade de agitar idéas e emoções, de preceder a realidade, annunciando-a, de guiar os acontecimentos, traçando-lhes o itinerario no mysterio do futuro. A Omphala-Intelligencia mais uma vez entrega ás mãos de Hercules enfeitado as meadas de oiro da seducção.

Neste momento em que vos saudamos, uma outra idade começa. Aos demolidores do mundo antigo succedem os reconstructores de um novo mundo — pois, periódicamente, a humanidade dá á luz uma nova era. Depois das metamorphoses geologicas, das convulsões telluricas, dos gigantescos conflictos elementares da agua e do fogo, depois que no quaternario surgiu o homem, entre os monstros e as feras, a evolução do semi-deus, a caminho dos seus ignotos destinos, ficou assignalada pelas suas jornadas de millenios ou de seculos. Estamos nos primeiros passos de uma dessas jornadas.

Aproxima-se o momento em que as avalanches emigratorias vão espraia-se pela vastidão da terra brasileira. O Brasil, que o escrivão Caminha, da armada de Cabral — o primeiro homem do occidente inspirado pela belleza paradisiaca da vossa

terra — imaginava ser uma ilha : a ilha de Vera Cruz, é, na realidade e na poesia, uma ilha gigantesca, envolvida pelas aguas do Atlantico e dos cursos fluviaes que a cingem amorosamente nos seus liquidos braços, desde o delta diluvial do Amazonas aos affluentes do Prata : ilha com as dimensões de um continente, onde vinte nações — como imagem real e perfeita da, ainda chimerica, Liga das Nacionalidades — vivem com uma só alma e com uma só lingua. Os poetas teem sempre razão. Para Caminha, o Brasil era a ilha encantada onde a Natureza conservava reminiscencias do Eden e por cujas selvas paradisiacas, resoantes da musica das aves, como a floresta de Siegfried, o homem e a mulher viviam com o angelico impudor de Adão e Eva.

Para nós, contemporaneos do socialismo, espectadores da queda do novo Cesar e do advento de Lenine, que nos libertamos da tyrannia moribunda dos poderosos e nos debatemos contra a tyrannia recém-nascida dos humildes, o Brasil apparece-nos como refugio amplissimo creado pelos reconditos designios da Providencia, onde a humanidade fundará uma civilisação mais clemente, e para onde transmigrarão, a respigar na ceára farta de Booz, as legiões de homens expulsos do occidente pela espada de fogo do archanjo punitivo. O Brasil os acolherá, porque elles serão outros tantos artifices da sua grandeza, porque essa é uma das clausulas da sua missão no planeta, porque essa é a sua conveniencia. Mas acima de todas as conveniencias, lei suprema a que todas ellas se subordinam, está a necessidade sagrada de preservar a Patria.

Nós somos aqui o perenne affluente de sangue original, que se escôa nas veias da raça ; somos os vossos alliados naturaes na defesa ethnica da nacionalidade.

Os portuguezes do Brasil não são apenas os que vos cercam neste momento jubiloso. E' tempo de dizer que não é só no commercio e nas industrias que encontraes o portuguez trabalhando e produzindo, preso ao feitiço da vossa terra. A Colonia Portuguesa é

essa multidão anonyma, soffredora, laboriosa, que não luz em festas, que nada reclama; essa multidão, activa como o oceano, que desde os seringaes do Madeira aos litoraes do Rio Grande do Sul, affrontando as inclemencias da lucta pela vida, mudamente continua a obra heroica dos antepassados, dos desbravadores do sertão e dos povoadores do solo. Vós conheceis o povo portugûes e já lhe rendestes a homenagem de vossa admiração. Portugal não são os homens, pequenos ou grandes, que fallam nos parlamentos ou nos banquetes, que se agitam ou debatem no palco da vida publica, mas essa multidão em que se perpetua a Patria, essa anonyma gente que morreu em Aljubarrota e em Laventie, que içava os velames nas armadas heroicas das descobertas, que se embrenhou pelas florestas brasileiras, que plantou as vinhas nas encostas do Douro e a canna do assucar nas capitánias de S. Vicente e de Pernambuco, que se bateu ás ordens de Nun'Alvares e de Affonso de Albuquerque, de Duarte Pacheco e Mem de Sá, de Napoleão e do imperador Pedro I, do duque de Saldanha e de Mousinho d'Albuquerque; esse povo tão heroico como simples, que canta nas romarias do Minho, que pastoreia os rebanhos nas serras da Estrella, do Marão e do Gerez, que vae á pesca entoando a ladainha, que eu vi tantas vezes partir para as guerras d'Africa e, ha dois annos, para a guerra de França, com o mesmo sorriso de quem anda afeito á familiar convivencia do perigo.

Não pretendemos engrandecer o merito da contribuição do nosso sangue no composto heterogeneo da vossa raça, mas em minha consciencia reconheço que não tendes razão de queixa contra o destino que preparou nas selvas amazonicas e nos sertões do norte, alli onde só se aventurou o portugûes com o seu tradicional desprezo pela morte, gente da qualidade daquella que soube morrer tão sublimemente em Canudos, representando uma tragedia grega nos sertões inhospitos da Bahia, e que produziu no Plutarco dessa épica e sombria pagina de historia um dos mais extraordinarios, senão o maior, genio das letras brasileiras.

que á imaginação exuberante de um Michelet e de um Paulo de St. Victor reuniu a sciencia de um Humboldt.

Vós sabeis que a soberania do Brasil é a nossa gloria. Todos nós saberíamos lutar hoje por ella, se preciso fosse, como quando impediamos que a vossa patria se convertesse num grupo de patrias adversas, partilhada entre a França, a Hollanda, a Hespanha e a Inglaterra.

Penso como vós que nessa obra commum, e não só nessa, seremos os alliados fraternos, para quem a consciencia do dever cumprido ha de sêr a unica e altiva recompensa. O nosso contracto de amizade, sellado pelo sangue, não será, para me servir de vossas bellas palavras, «escripto na areia sob as ventanias do mundo». Não haverá vendavaes, cyclones ou tufões que consigam apagar os vestigios da nossa confraternidade ethnica e historica.

Esse contracto tacito de amizade não nos levará a fundir numa só bandeira as nossas duas bandeiras. O Brasil é demasiado grande; Portugal é demasiado antigo. Tendes um futuro grandiosissimo. Nós possuímos um passado glorioso. A bandeira côr da esperanza, que agita ante a humanidade as promessas do porvir, e a bandeira que symbolisa, através de todas as suas metamorphoses, uma das mais sublimes e fecundas tarefas que jamais um povo realisou sobre a Terra, continuarão desfraldadas aquem e alem oceano, acenando-se como dois lenços agitados pela saudade e pelo amor, e proseguirão, lado a lado, cada uma palpitando em sua haste, como duas irmãs, o seu caminho através dos tempos e da historia.

Mas diante do Brasil não ha perigos. O gigante, na plena confiança da sua força e do seu direito, impoentemente avança ao encontro dos seus extraordinarios destinos, num cortejo de onde se elevam os hymnos do trabalho, cantando a belleza e a abundancia da terra. Nesse cortejo de apotheose, precedido pelos pendões auri-verdes, se incorporarão exercitos

laboriosos, accorridos de longinquas regiões — mas suas armas serão a charrua, a fouce, o arado e a enxada.

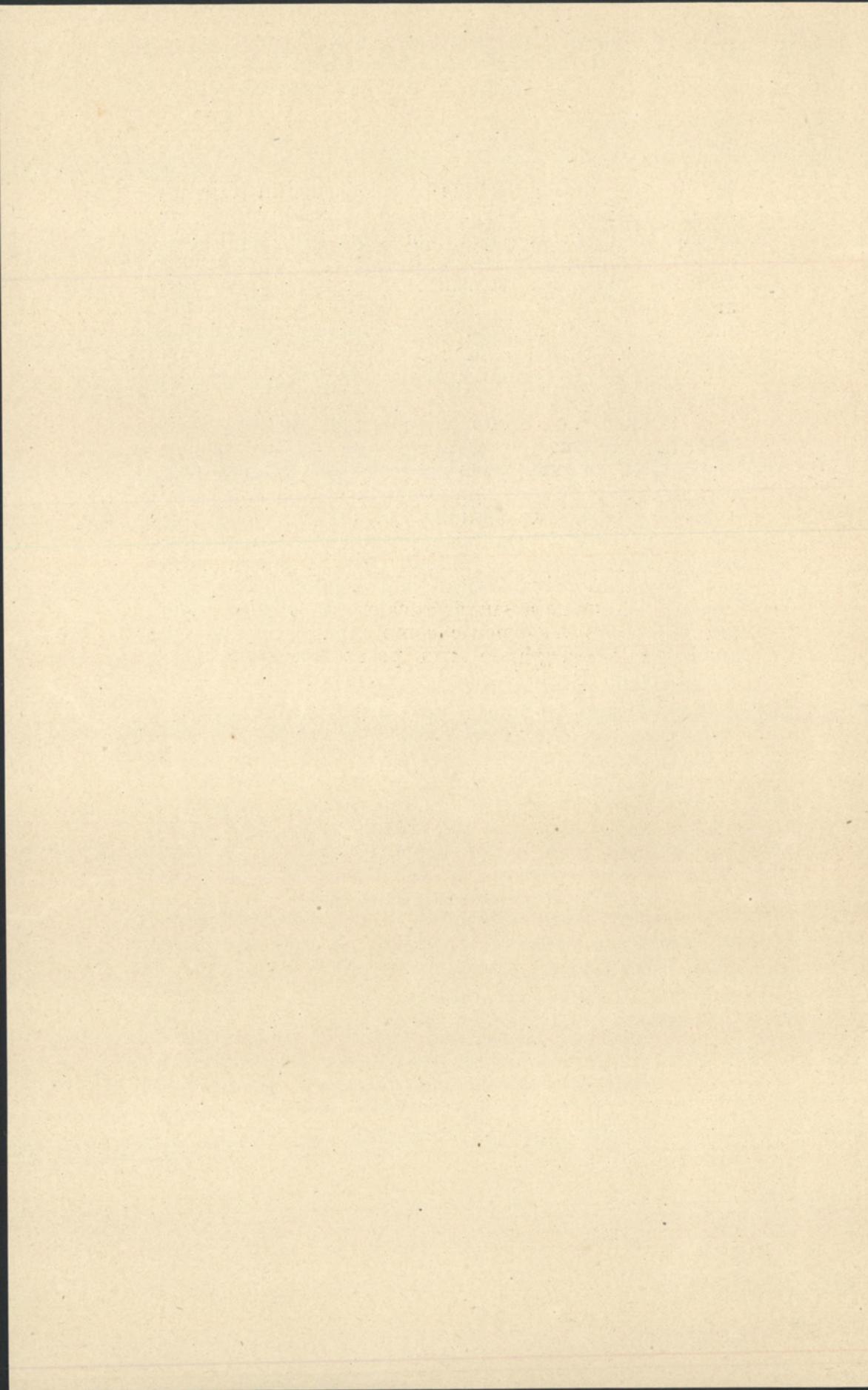
Os immigrants irresistivelmente se deixam impregnar pelo mysterioso poder de seducção e de assimilação que o ambiente americano exerce sobre o homem transplantado, porventura consequencia de alguma lei biologica, ainda não classificada, que preside á occupação lenta, mas ininterrupta, do planeta pela especie humana, e que accusa maior poder de irresistibilidade nas terras, como a vossa, cuja seiva fecunda, agglomerada por uma longa virgindade, fascina e avassala o homem, levando-o, num delirio quasi sexual de impavido heroismo, a penetrar pelas calidas e humidas florestas, como essas destemidas bandeiras, que foram abater, offegantes, nas muralhas dos Andes, triplicando a area que o tratado de Tordesilhas traçara para o Brasil. Para nós, portuguezes, esse poder assimilador e absorvente da natureza multiplica-se pelo do sangue, pelo da tradição e pelo da lingua. O Brasil tem nos cipós das suas florestas o symbolo desses liames avassaladores dos corações.

Amigo dos portuguezes! Fallastes-nos com amor da nossa terra. O amor com o amor se paga. Permitti-me, pois sei que este desejo será grato ao vosso coração de patriota, que de vós, heroe intellectual desta festa, projectemos para a vossa grande Patria a nossa homenagem. Consenti que sob a égide dó vosso nome illustre, nós todos, ligados por inquebrantaveis laços affectivos á vossa generosa terra, filha gigantesca creada na remota infancia na «pequena casa lusitana»: que nós todos, reunidos em volta da vossa magnetica sympathia, nos levantemos para brindar a nação, esperanza do mundo — a nação que guarda em seu regaço immenso, resoante do estrondo das cachoeiras, as energias motrizes de cyclicas industrias; sob o manto verde das suas florestas as riquezas mineraes de um Eldorado; no humus das suas terras, regadas por mil rios, a seiva de immensuraveis e perennes searas; que todos nós, na vossa presença e na

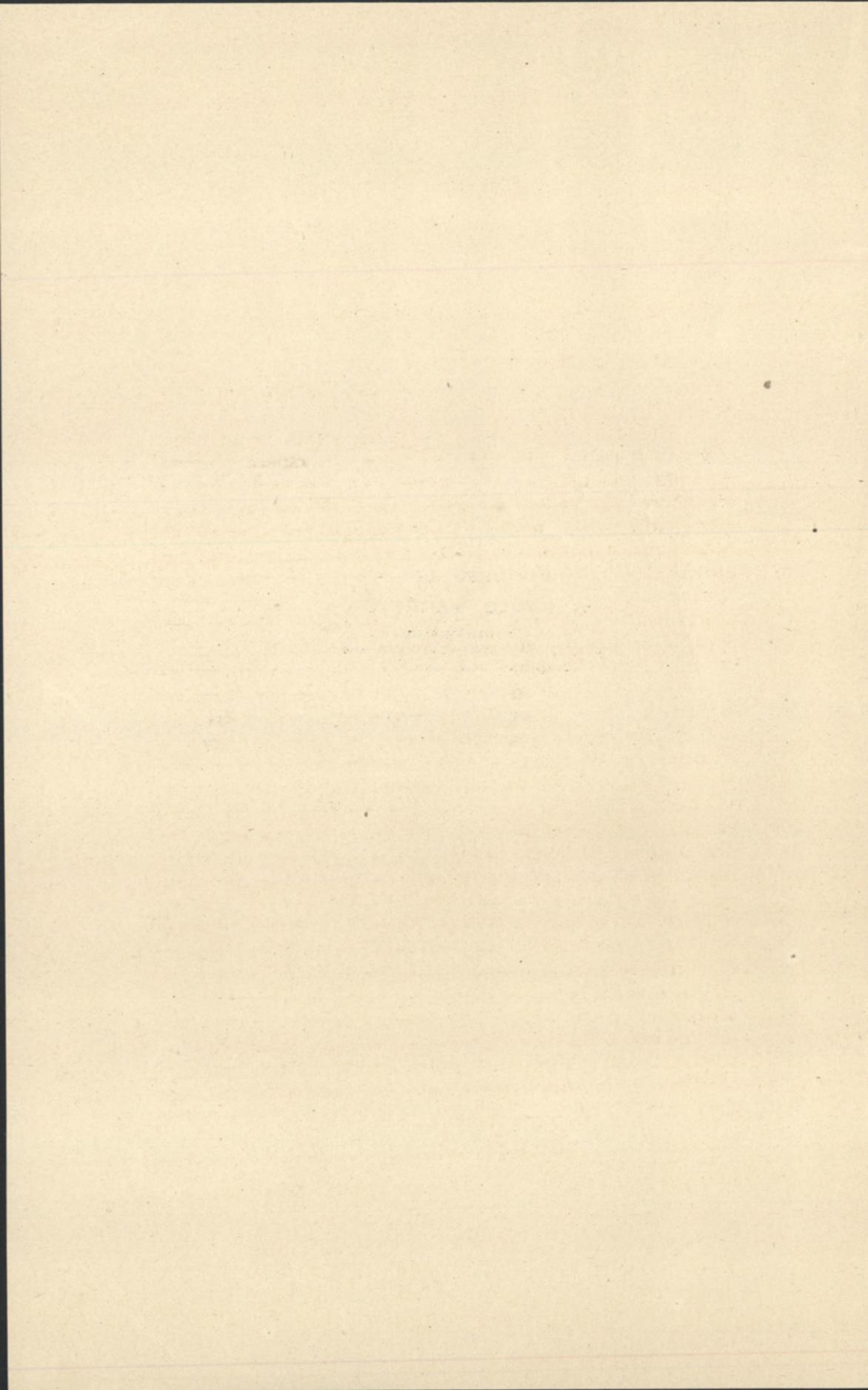
dos illustres brasileiros que nos concederam a honra da sua companhia, associando-se ao nosso preito de estima por vós e á vossa sympathia pelos portuguezes, nos ergamos para saudar a nação que creou a mais brilhante literatura da America : a nação que, primeira entre todas as nacionalidades do continente americano, teve uma voz que a cantasse num poema e que, já no alvorecer da sua Soberania, viu a poesia e a sciencia adornando a figura intellectual do seu primeiro estadista !

Permitti, sr. Paulo Barreto, que no vosso patriotismo fundamos o nosso, e nesse intimo accordo sentimental de amor pelas nossas patrias, com os nossos corações vibrando simultaneamente de veneração e saudade pela terra bemdita em que nascemos e de respeito e affecto pela terra hospitaleira em que vivemos, confundindo no mesmo culto a Patria natal e a Patria adoptiva, destes quatrocentos peitos portuguezes se exhale a saudação calorosa, solemne como um juramento ,vehemente como uma declaração de amor, pela vossa grande terra, pela vossa patria, pelo vosso amado Brasil !

---



DISCURSO DO  
**Sr. PAULO BARRETO**  
(DA ACADEMIA BRASILEIRA  
DE LETRAS E DA ACADEMIA DE  
SCIENCIAS DE LISBOA)



*Meus senhores !*

Bemdito eu, a quem os deuses dão, nesta hora, a ventura maior. Bemdito eu, que, na aspera marcha da vida, encontro a animar-me, com tal esplendor, o incentivo dos vossos corações. Bemdito eu, que nada sou, nada valho, nada exprimo a não ser o amor da minha patria como ella deve ser amada, ao ver que vós outros, força de Portugal na terra que Portugal fez, conservais esse coração lusitano de dar e não de tomar, coração tão bom e galhardo e claro que agradece o pobre gesto continuo do meu instincto. Bemdito eu, que poderia aqui, nobre e virilmente, chorar de gratidão, extraindo d'a alma a lagrima que desaltera no intervalo breve das luctas dilace antes. Bemdito eu, que a Divindade acarinha dando ao grão de areia a sensação da immensidade no espelho da vossa bondade, — grande como o vosso oceano, grande como a vossa obra, grande como a vossa saude. Bemdito eu, que, se não vi e jámais quiz ver falsidades e ignominias, tenho a gloria de olhar face a face a Amizade, de estreitar entre as minhas a mão leal de um vaão preclaro, de ouvir o vosso sentimento na voz de um dos maiores artistas do genio da vossa Raça, tão nobre d'alma como alto de espirito, tão firme d'animo como senhor da Intelligencia—Homem, cuja pureza é preciso pedir ás espadas o seu metro para medil-a. Bemdito eu, atomo no turbilhão do bem querer, sobre cuja exaltação incide a luz da vossa benevolencia. Bemdito eu, por ver, nesta hora de ventura suprema, vós, irmãos, co-autores do desenvolvimento da minha patria, erguerem-me a mim, o menor dos menores, como prova

irradiante do affecto que tendes por tudo quanto é Brasil. Bemdito eu, consciente e humilde, a que os deuses reservaram, nesta hora, a ventura inaudita !

Como agradecer-vos no auge da emoção ? Como manter a frieza do raciocinio ?

Estranho heroismo é receber o louvor sem tremer. A incompreensão enerva, a indiferença incita, a calumnia irrita, a má vontade das pequenas intelligencias encoleriza. Mas tudo isso é lucta, é vida, é a tempera em que se metaliza o desejo de mais trabalho. Ao chegarmos ao termino da existencia, feridos e contundidos pelo frenesi da victoria que a todos envolve na mesma carraça pelo vendaival das ambições, podemos pensar que o nosso pequeno esforço indirectamente fez bem á familia, á grey, á patria, á nacionalidade, e resultou, com milhões de outros, na gloria de um povo. O supremo e derradeiro orgulho da vida é ter a certeza de mais não se mos que uma das innumeraveis fracções das unidades chamadas povos, e cuja somma é humanidade.

Quando, porém, as collectividades distinguem o esforço obscuro e o elevam no louvor, aquelle de mais fé trême. Todas as echymoses das pedradas sumiram-se na agua lustral da palavra animadora, todos os pensamentos de amargura e todos os desanimos do trabalho apagaram-se na luz matinal da estima. Sorvemos a juventude na blandicia da attenção alheia, e não perguntamos só: «que farei eu ?», indagamos da consciencia: «que fiz eu ?» Ouviram-nos, viram-nos, acolheram-nos, esperam de nós. Não se trata mais de vencer, só, de quebrar hostilidades só; trata-se de corresponder. Haverá elixir mais exaltador ? Haverá momento mais grave para a vida de cada um ? Desta hora, em que me bemdigo pelo que por mim fazeis, fraco de toda a força amiga, a consciencia indaga-me o tremendo: «que fizeste?» e eu sinto a desproporção cada vez maior entre o que realizais e o que eu sou...

Não ! Nada fiz por Portugal no meu continuo amor por Portugal. Obedeci simplesmente a um instinto de defesa da minha raça.

Nós brasileiros, quando não somos filhos de portugueses, delles o sangue temos. Neste solo da America representamos uma raça invasora, que conquistou ao incola selvagem a terra sem significação anterior. Em tal conquista, os nossos communs ancestraes realizaram o prodigio atravessando florestas e caudaes, para talhar no continente do futuro um imperio colossal, para cantar na extensão formidavel de oito milhões e meio de kilometros quadrados a affirmação da nacionalidade numa nova expressão de vigor. Tal era a força da projecção dos nossos grandes avós, tal a virtude do seu sangue e a convicção dos seus corações que, marcado por elles este imperio, logo se deu outro prodigio maior que o da penetração : o prodigio moral da nossa unidade, soldada por elles, defendida por elles, e tão espantosamente bem que é ella hoje a força basica do nosso ovante poder.

Outros povos conquistaram e colonizaram. Nenhum conseguiu entregar á autonomia politica tão extraordinaria obra. E nenhum verteu, nas arterias do povo que creava, o ardor do seu sangue, como o portuguez, porque a generosidade, a ambição, o repente insuperavel do improvisado, a certeza e o enthusiasmo, esta intelligencia instantanea de dirimir difficuldades a ponto de parecerem faceis as coisas de maior monta, a galhardia, o desinteresse, o espirito de revolta, o amor á liberdade e o amor á patria, todas essas fragorosas forças dos grandes povos, que são do genio portuguez, palpitam no nosso sangue brasileiro — de fórmula tal que, mal tinhamos creado o Brasil, já brasileiros, filhos de portugueses ao lado de portugueses, se batiam contra as tentativas de absorção de outras raças ; mal brotava o brasileiro da semente lusa já crescia em decisão, afoiteza e independencia.

Olhar a formação do Brasil, do descobrimento á independencia, é contemplar a mesma alma que se

biparte, o mesmo genio que se divide, o mesmo coração que em dois se scinde, a mesma luz num duplo raio, é reconhecer um paiz no outro, é louvar a obra que, começando com a gente de aventura das caravellas, enebriada de fazer da terra virgem outro povo, remata o esforço ingente da independencia desse povo, proclamada por um principe portuguez, sob os auspicios do primeiro estadista brasileiro, secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias de Portugal, ao som do hymno escripto por um portuguez. Como não amar Portugal tanto quanto a minha patria ?

Não ! Nada faço por Portugal no meu continuo amor por Portugal. Obedeço ao secreto instincto do apoio e da gratidão. Se nós, contemporaneos, devemos ter o orgulho dos nossos communs ancestraes, os portuguezes e brasileiros, que fizeram a independencia, e os seus filhos e netos e bisnetos são forçados ao reconhecimento por essa corrente vital que de Portugal veiu seguindo, durante cem annos, independente dos governos, para continuar a fortalecer a familia brasileira, a incrementar o trabalho brasileiro, ajudando-nos a tornar colossal o Brasil, com a mesma lingua, os mesmos costumes, a mesma alma, entornando na terra maravilhosa a torrente de sangue que multiplica os homens. E, quando ha dez annos, eu fui a Portugal, pela primeira vez, perplexo entre a gente forte que de lá vinha e o scepticismo máo dos escriptores que davam a essa gente, na sua terra, o qualificativo de decadente, não fiz mais do que falar a verdade, proclamando — Portugal o mais puro reservatorio de saude moral e de saude physica da Europa, pois lá encontrava, não o desanimo, mas o ardor, não um povo triste, mas um povo alegre ; não o ancião, mas o eterno adolescente, bom, generoso, forte, bello. Esse meu brado, repetido á saciedade, ainda era o instincto da conservação da raça, ainda era amor pela minha terra, ainda era a verdade capaz de altear a certeza na fortaleza indestructivel dos dois povos, a fé na realização do nosso esforço unido, a crença no entusiasmo do nosso sangue.

Não ! Nem mesmo no meu brado mais fiz do

que sentir a realidade. A guerra o demonstrou. Portugal estava no extremo da Europa, com todas as condições para a neutralidade. No egoísmo açambarcador dos povos vorazes e na obtusidade que esses povos têm para comprehender o que não seja o seu interesse immediato, como contar com a coragem generosa? Mas Portugal seguiu para a Africa a vencer e seguiu para a França a mostrar ao mundo como os portuguezes sabem morrer, indomavelmente, um contra vinte, dois contra cincoenta, cinco contra cem. A terrivel sangueira, a ceifa de quarenta mil heroes jovens foi como a benção reveladora da juventude da raça, em que os estrangeiros viram o mesmo Portugal de outr'ora e os que desconfiavam da propria força se sentiram existir, viver, ser como no tempo rutilo de Albuquerque.

Não ! Eu nada fiz ou faço quando vos digo agora : nunca o meu amor por Portugal foi, como após a guerra, tanto o grito do coração.

São impossiveis enganos. Para os povos, para as raças, a guerra foi ensinamento. No ribombo dos canhões explodia a lição: conhece-te a ti mesmo!; no horrido estrondeio das explosões, o incentivo : dignificate a ti mesmo !; na sangueira das hecatombes: refaz-te a ti mesmo ! Após a guerra. quando voltamos a entrar na guerra sem balas, um conselho em todos os labios arde : defende-te a ti mesmo, se queres continuar ! E, por isso, quando eu digo amemo-nos mais ! eu peço : defendamo-nos !

Portugal voltou da guerra com a consciencia do seu destino. O povo comprehende a esterilidade das luctas politicas, a mocidade congrega o paiz inteiro num partido que absorve todos os outros — o partido do amor á patria. O Brasil adquiriu na guerra a consciencia do seu futuro e a mocidade, do norte ao sul, tem o partido da sua propria grandeza : o amor á patria. Nesse momento de agudo enthusiasmo, após um erro secular de afastamento, os governos dos dois pai-

zes olham-se com olhos de util comprehensão. Combata a analyse scientifica o principio das raças. Ha, acima das theorias e das analyses, uma logica directa da vida, logica creadora do contagio da crença na nacionalidade, da religião renovada da raça. Digam o que disserem os ethnographos, isso não impede que o portuguez seja inteiramente diverso dos outros povos, dono de uma lingua, senhor de um destino seu, conservando, no impeto da projecção, força capaz de, em meio diversissimo, contra varias pressões estrangeiras, plasmar um povo com a sua lingua e as suas qualidades.

Nós, brasileiros, com a certeza de que o Brasil é a derradeira esperança do mundo, se não podemos ter senão orgulho do passado commum tanto á gente lusa como á nossa gente, ainda mais devemos nos orgulhar com a solidariedade do presente entre as duas nações. Vós, portuguezes, com a gloria desse passado, tendes de ter esse mesmo orgulho, que é o proprio principio da dignidade nacional, porque, afastados uns dos outros, teriamos de sacrificar a essencia do nosso proprio destino.

Sim. A verdade é essa. Quando vemos pelo mundo o principio das nacionalidades congregando a vontade dos povos que querem subir, enquanto a fraternidade universal, sonho socialista, serve apenas ao reclamo cynico das nações que com ella se rotulam para avançar no commercio, na industria, nas forças vivas dos povos despreoccupados, nada mais justo, mais urgente, que comprehender, lá e cá, a necessidade de maior união da nacionalidade, para a grandeza futura, tanto da Republica Portugueza, como da Republica Brasileira.

Não se trata da fusão politica. Mesmo para os povos que não amam a liberdade, tal fusão dá em despeito, raiva, odio, revolta, nas fraquezas resultantes da congestão de duas forças. Para as almas livres, como as nossas, seria o impossivel. Em vez dessa irritante fantasia a maior união é a tendencia natural dos nossos destinos, a aproximação dos interesses de cada brasileiro e de cada portuguez, patriotas ambos,

dando como resultado, na grandeza de duas Republicas, a grandeza da raça. Tal liga é imposta pelo amor que nos une, pelo entusiasmo de fazer maiores as duas patrias, pela certeza de que Portugal não quererá, em hypothese alguma, o mal do Brasil, como não o quiz nunca o Brasil de Portugal. Mais. Tal liga é exigida, quando o patriotismo pede a cada um o esforço maximo, pelo perigo immediato da absorpção das nossas forças vivas, quebrando-nos a autonomia do trabalho agora, para adiante, na colonização da riqueza, ir talvez mesmo contra as nossas proprias resistencias moraes. O meu amor por Portugal é ainda aqui sentir o futuro e esperar dos governos o referendar, unificando as leis de interesse commum, o accordo economico, em que o Brasil conceda a Portugal tudo quanto só a elle possa conceder, e Portugal dê ao Brasil tudo quanto só a elle possa dar.

Eu pergunto: qual não será a força prática de não já vinte milhões de portuguezes espalhados no continente e no ultra-mar, e de trinta milhões de brasileiros, no vasto Brasil até agora sem finalidade na politica internacional, mas de cincoenta milhões, querendo riqueza, no mutuo esforço auxiliador das duas patrias? Eu perguntarei: qual será o surto economico das duas potencias, donas pelo trafego do sul-atlantico, que nos separa e nos une? Eu perguntarei que não seria esse triangulo de nacionalidade sobre o mar, cuja base é o Brasil, cujo vertice é Portugal, projectando nacionalmente para o gasto do mundo todas as nossas riquezas? Eu não pergunto a instantanea autoridade moral que nos adviria desse accordo pratico, em que fundiríamos a nossa amizade, antes dividida em mil veios sem orientação, e agora avolumada na mesma torrente de potente riqueza.

Não! Eu nada fiz amando Portugal. O meu amor é instinctivo como deve ser o vosso.

Se a realização do ardente anhelado deve ter a sanção do povo de Portugal como do povo do Brasil, elle

não será possível sem vós, portuguezes que viveis no Brasil, condensadores do duplo amor patriótico pelos dois paizes. Sei qual tem sido a vossa obra aqui neste seculo de independencia, sei a vossa ambição realizadora, sei o vosso heroismo no labor, a grandeza tenaz dos vossos corações, a alegria com que fostes, seguidamente, durante cem annos, a lição pratica do meu sonho, sendo tão portuguezes como brasileiros. Não posso sem emoção pensar no milagre que o destino exerceu para bem nosso mantendo a corrente de sangue portuguez para o Brasil — quando é a riqueza tão seductora em outros pontos da America. Não vos comprehendo nesse enternecimento, teimando no mesmo rumo para a terra que os nossos avós descobriram, senão como os portadores do prodigio, tangidos pela vontade de Deus que velou e vela e velará pela Raça — Raça tão grande que creou no poema dos seus feitos uma lingua e fez no mundo a terra da esperança universal.

Eu vos amo pelo que fazeis espontaneamente, pelo que realizais, pelo que sois, por essa alma de constructores na qual se entrelaçam as duas patrias, por esses braços de realizadores que se elevam sem orgulho no bem querer dos dois povos, por essa vontade na qual flammejam as virtudes da raça. Nada se pôde fazer sem amor, o unico sentimento totalmente generoso da vida. Vós tendes amor para o grande acto com que devemos abrir affirmativamente o novo cyclo da civilização. Vós acceitais com applauso o tremendo labor.

Assim, mais do que por tudo devia ser eu a agradecer o modo por que comprehendeis o desejo consciente de apertar os laços de amizade entre os dois povos para dilatar o poder de cada um. Assim, sou eu a sentir em vós os amigos que aceitam sem egoismo a formidavel tarefa, com a mesma força irresistivel daquelles nossos passados avoengos desvirginadores da terra brasileira.

Eu vol-o repito : nada me devem portuguezes por amar e defender portuguezes sempre, porque as-

sim amo, venero e quero duas vezes a minha Patria. Matam-me no que de mais caro tenho, na fonte do meu pensar e do meu sentir se tocam ao Brasil. Estrangulam-me as esperanças se me apagam a certeza na terra do Brasil. Manietam-me a vontade se duvidam do que possa ser de grande o grande Brasil.

Eis a razão do meu amor por vós, ó filhos da mesma raça, ó saldunes da nacionalidade, ó perfeitos irmãos.

E a minha voz é a voz innumeravel das raizes do proprio Brasil.

Quanto mais com fé vos contemplo mais comprehendo presente o passado certo do futuro. Ao fixar-vos vejo aqui, vivendo nas nossas arterias, Pedro Teixeira que partiu de Cameté e foi até ao Equador dando o Amazonas ao mundo, e Castello Branco, que fundou Belem e fez o Pará, e Jeronymo de Albuquerque e Alexandre Moura, que expulsaram do Maranhão os francezes, e os homens de Affonso Mafrense nas trinta fazendas de criação com que deu vida ao Piauhy, e Soares Moreno, o penetrador do Ceará, e Mascarenhas entrando pelo Rio Grande do Norte e Albuquerque dahi expulsando os hollandezes. Ao olhar-vos olho e sinto presentes os varões que trouxeram para a terra nova a riqueza do assucar e a opulencia do ouro sangrento que é o café ; dos duces de aço penetradores do mysterio, que entraram por S. Paulo e, infiltrando nos filhos paulistas a mesma ambição, rasgaram a terra na furia das «bandeiras» entre os fulgores dos metaes e das pedrarias. Ao ver-vos vejo e imagino a ouvir-me as phalanges de Fernandes Coitinho, fundador do Espirito Santo, e o sorriso de maravilha dos descobridores em Porto Seguro ; a força viril dos guerreiros de Pernambuco contra o hollandez, e os heroes que fizeram o heroismo solar da fronteira do Rio Grande do Sul ; os ilheos portuguezes que plasmaram a inicial de Santa Catharina e os combatentes de Estacio de Sá no Rio de Janeiro — tão queridos do céu, que o mais lindo e joven santo, Sebastião, archeiro de Commodo, como os deuses de

Homero descia do paraiso para por elles combater.

Sim ! Nesta festa de fraternização, neste amplexo de sangue irmão, elles acordaram — os desbravadores, os plantadores, os constructores, os descobridores, os guerreiros, os irmãos dos vossos pais, os nossos pais, os fundadores. A sala está cheia, porque dentro de nós elles revivem, querendo de todos nós o esforço solidario para a gloria das duas patrias, impondo o estupendo arranco collectivo para sermos, senão maiores pelo menos iguaes ao que elles foram. Neste apice transfigurador, vós haveis de sentir que amais no Brasil Portugal como eu em Portugal é o Brasil que eu amo.

Elles, os padres da Raça, exigem das almas francas esse amor e ordenam por elle o esforço. Reunamos as forças de affecto na obra do futuro das duas potencias, trabalhando energeticamente, activamente, pela gloria da nacionalidade. Desejemos, como elles desejaram, realizemos como elles realizaram. Obedeçamos aos ancestraes !

Cada cerebro seja por Portugal e pelo Brasil, cada braço herculeamente erga-se pelo Brasil, por Portugal, cada coração, na Europa e na America, accelere o proprio rithmo pelo rithmo triumphal dos dois paizes ; cada voz seja o brado multiforme da crença e do orgulho nas qualidades da Raça. E—eu o sinto no clamor tremendo do nosso sangue !—a ventura desta noite em que me bendigo por ser della o pretexto humilimo, tornar-se-ha a luz natal de uma nova era, pelo correr da qual filhos e netos nossos, na mesma lingua que esculpiu ha seculos o poema do maior esforço inicial da historia nova, possam, dominando o Atlantico, sobre a immensa fartura e a força immensa, mais unidos e amigos, bradar como agora aqui bradamos, com o passado nas arterias e o futuro nos olhos :—por Portugal ! Pelo Brasil ! Pela Raça Imperecivel !







for